A LÍRICA DE MANUEL BANDEIRA E SUA ESTRUTURA MODERNISTA EM "EVOCAÇÃO DO RECIFE"

Tiago Nascimento de Carvalho

Resumo: Este artigo tem por finalidade demonstrar umas das possíveis leituras e análises do poema "Evocação do Recife" de Manuel Bandeira a partir de um método de estratificação das camadas mais superficiais do poema, até os níveis de maior aprofundamento de interpretação. "Evocação do Recife" está no livro "Libertinagem" publicado no ano de 1930 e marcado pelo processo reinvidicatório dos novos passos do Modernismo, pós Semana de Arte Moderna de 1922 no Brasil.

Palavras-chave: Manuel bandeira; Modernismo; Recife.

Introdução

Se a ode e o soneto tiveram o seu apogeu, como insurgências inovadoras da criação poética numa tradição literária, a nova linguagem que a lírica moderna trouxe a partir do séc. XIX, com um Baudelaire e um Rimbaud, necessitou configurar-se numa longa e muito mais áspera trajetória de confirmação do seu valor, por ter crescido ao lado do pleno desenvolvimento da crítica e da teoria literária que esbanjaram no séc. XX tendências e linhas particulares de análise e hermenêutica, ora dissuadindo, ora gerando divergências diante das obras poéticas surgidas sobre o advento da modernidade. Hugo Friedrich, assim define esse momento, ao falar da lírica moderna européia:

> A interpretação de uma poesia moderna se vê obrigada a demorar-se muito mais no estudo de sua técnica de expressão que em seus conteúdos, motivos, temas. É uma conseqüência compreensível de seu propósito.[1]

E que propósito é este? O simples objeto da ruptura, cansaço e estagnação dos modelos passadistas românticos, parnasianos, etc.? Se fosse, somente, este o objetivo, estaríamos diante de um destrutivismo sem conseqüências, apesar de vanguardistas como os dadaístas terem inebriado a todos com técnicas e conteúdos totalmente negativistas. No entanto, a lírica moderna mostrou-se como o retrato conseqüente e consciente da magia produzida pela palavra, da sua condição absoluta de ser polissêmica na essência, e do despojamento que poetas como Shakespeare e Goethe, já tinham, muito anteriormente a ela de transformar a linguagem poético-literária num enigma diferenciado da retórica e da oratória do senso comum.

É ainda importante enfatizar que as motivações ideológicas e contextuais não eram mais suficientes para delimitar as estâncias da criação poética, e a arte literária encaminhou-se também para uma multiplicidade fruitiva e para uma abertura, como cita Umberto Eco:

> o modelo de uma obra aberta não reproduz uma suposta estrutura objetiva das obras, mas a estrutura de uma relação fruitiva; uma forma só é descritiva,

[1] FRIEDERICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. Livraria duas Cidades: São Paulo, 1991, pág(s) 149 e 150.

> enquanto gera a ordem de suas próprias interpretações, e é bastante claro que, assim fazendo, nosso proceder se afasta do aparente rigor objetivista de certo estruturalismo ortodoxo que pretende analisar formas significantes abstraindo do jogo mutável dos significados que a história faz para elas convergir.[2]

O objetivo de Umberto Eco não é direcionado exclusivamente para a poesia, mas também para a escritura moderna, e seu debate gira em torno da cristalização e do enrijecimento estruturalista da analítica sobre a obra de arte.

Nesse sentido, jogo e fruição, são os dois termos que completam essa gama de avaliação da lírica moderna e perfazem o circuito das inovações da sua poética, caracterizado pelo surgimento, por exemplo do verso livre.

Poderíamos, ainda, dizer que o Barroco também se utilizou do jogo com as palavras e que ninguém deu mais possibilidade de fruição e liberdade aos sentidos e sensibilizações do que os românticos, todavia esse jogo e essa fruição ganharam na modernidade atributos, em que somente a percepção dos atos constitutivos e construtivos do texto podem nos levar a uma observação desse diferencial fundamental.

No jogo, não estamos diante do trabalhar no nível vocabular, mas no nível sistêmico que uma palavra exerce dentro do texto, do ritmo à significação, e isso não foi totalmente percebido pelo Barroco. Na fruição, não é somente a percepção volitiva de busca totalizante do "eu" romântico, mas também da possível desumanização e despersonalização que a poesia pode representar.

E a elaboração desse texto moderno? Como se dá? Pensam alguns que é muito mais fácil do que a busca do decassílabo e do perfeccionismo vocabular da tradição poética clássica, porém a vastidão do ritmo da modernidade e das relações humanas no período dos altos avanços industriais e tecnológicos, faz-nos pensar sobre as observações de Iuri Lotmman, à cerca da construção do verso, como unidade fundamental do texto poético:

> Ainda que já tenhamos dito que em arte toda a obra, no seu conjunto, é signo, <<palavra>>, isso não impede que os elementos distintos do todo possuam um grau diferente de autonomia. Pode-se formular uma tese geral: quanto mais importante, tanto mais elevado é o nível ao qual se refere o elemento da estrutura, tanto maior é a autonomia relativa pela qual ele se distingue nesta estrutura.[3]

Autonomia, a palavra chave e final, do contexto construtivo do texto artístico moderno. A possibilidade de assumir significações que nem seu próprio autor pretendia e criar um novo modelo estrutural para a arte poética.

Começo de conversa

Manuel Bandeira, na sua obra "Libertinagem", de 1930, livro responsável pela entrada definitiva do poeta na lírica moderna, faz-nos buscar todo esse referencial teórico, postulado,

[2] ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Perspectiva: São Paulo, 2001, pág.29.

[3] LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Editora Estampa: Lisboa, 1978, pág 312.

a fim de que possamos dar o devido acolhimento interpretativo que seus poemas criativos merecem e pela vastidão de sua poética, nos atrevermos a analisar o poema "Evocação do Recife", texto que envolve um trabalho entre o poema de homenagem telúrica e a crítica mordaz ao progresso e a modernidade sem sensibilidade.

É nessa leitura que tentaremos chegar ao deslumbramento de uma poética que reúne, mais que um gesto epifânico da palavra no desvelar sentidos e sensações diante da cidade natal do próprio poeta e mais que um gesto saudosista; realizar uma revisão dos espaços de sua infância, como também investigar o poder libertino e construtivo de sua poesia afinada com a dos melhores escritores de sua geração, observando os meandros dessa voz do eu-poético, ora alumbrada pela saudade, ora perturbada pela necessidade de uma crítica áspera das inconseqüências de seu tempo.

Esse poema em questão faz parte do processo evolutivo que tomou a carreira do escritor Manuel Bandeira, por ter aparecido num livro considerado a sua obra percebida na completude como projeto da nossa lírica moderna, mesmo que poemas como "Os Sapos" e "Os Sinos" dos livros anteriores "Carnaval" e "Ritmo Dissoluto", já reivindicassem a mesma posição das suas obras pós 1922, sabemos que o momento dessas duas obras pertence, ainda, ao alicerce de formação do escritor pernambucano que foram os momentos finais das tendências literárias da segunda metade do séc. XIX., o Parnasianismo e o Simbolismo, ainda que, como já foi colocado o mesmo se encaminhasse para a poesia modernista.

Evocação de Recife

Agora, sobre a aparição de *Evocação do Recife*, em si, o mais interessante é que a idéia desse poema já estivesse prefigurada na mente do poeta, quando em uma de suas correspondências trocadas com Mário de Andrade, nos anos 20, em que discutiam o forte laço de amizade e os destinos de suas criações, ele já demonstrasse o interesse, não só de cantar o Recife, sua terra amada, mas também observá-la, como quem olha a cidade e suas realizações:

> Aqui no Recife estou num quarto engraçado, de telha-vã e chão de tijolo, dando pra o Capiberibe, Capibaribe, deslizando sem ruído, onde as barcaças passam em silêncio e onde os coqueiros, magricelas com ar cansado de sujeito que andou muito e não tem onde sentar, deixam uma sombra tão gostosa.[4]

O rio é Capibaribe ou Capiberibe? O poema voltará a dúvida trazida pela correspondência, e não resolverá, pois Bandeira se apresenta diante de duas vozes, que precisam ser identificadas, a do deslumbrado com a cidade natal e a do crítico libertino da linguagem poética moderna e dos avanços desordenados da cidade, símbolo das metrópoles urbanas.

É Bandeira sim, neste texto auto-biográfico que mescla poema a diário da intimidade da infância, que reúne tradição folclórica à memórias de uma personalidade que vai da sublime forma de existir como ser a um *pathos* dolorido da morte do avô e da lírica que não era libertação.

O título nos fala em "evocação". Estamos sendo chamados a conhecer o Recife, ou não era

[4] Artigo retirado da *Revista Cult*, n° 33, abril de 2000, do jornalista Fábio Weintraub que analisou o livro de correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

uma preocupação do poeta? É o Recife que nos chama, já que a evocação é do Recife? Se recorrermos ao poema perceberemos que não há espaços para o Recife mostrar-se como tal, versos 2,3,4,5... ,mas o que há é o Recife do Manuel Bandeira, do olhar e do aprendizado de crescimento do menino Manuel Bandeira. Ao recorrermos a questão do trato com a temática telúrica, e percorremos o viés de olhar o horizonte do local amado que precisa ser lembrado, a literatura tem inúmeros exemplos, porém mais que versos memorialistas, há na "evocação" um revisitar a terra, como quem ama e avalia sua condição de fazenda familiar, de casa do avô e de capital da modernidade: o Recife. Nessa lógica o nicho de percepção entre a dimensão rural e urbano está no limiar das duas vozes poéticas, uma memorialista e onírica, pois resgata o menino, outra que entoa a lamentação dura e consciente da atualidade.

Sua estrutura

A estrutura de "Evocação do Recife" nos coloca diante de um ambiente poético que segue a risca o trabalho do Modernismo da 1ª fase. Ao observarmos o uso de uma métrica e verso livre, basta que apareça em dois exemplos:

1º exemplo – Não há uma regra fundamental de estrofação, sendo que há dísticos, como na estrofe dos versos 15 e 16, e estrofes fora do padrão clássico, como a dos versos 62 a 78, com 17 versos.
2º exemplo – Temos também versos de padrão tradicional na métrica silábica como o verso 18.

1 2 3 4 5 6 7
"Ro/sei/ra/ dá/-me u/ma/ ro/as"

E versos bárbaros como o verso 10.

"A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da ca- [sa de Dona Aninha Viegas"

A explicação para esse fusionismo poético mostra-se simples, ao olharmos para o poema com autoridade de um poeta que se permitia caminhar entre o prosaísmo de diário, carta, ou descrição e repor versos de uma tradição popular e oral que relembrava toda sua infância. Estamos diante de uma consciência literária que joga com os versos modernos e revisa as cantigas de roda, trovas e brincadeiras lúdico-poéticas de menino.

No nível do vocabulário é interessante observar essas duas vozes poéticas que falam, ora separadamente, ora em conjunto, e em certos momentos se fundem entre o Bandeira das saudades e o Bandeira modernista. Nos versos 52 e 53, como exemplo, a palavra Capibaribe e Capiberibe, reúne os traços do culto consciente da língua, ao mesmo tempo o homem de seu povo que adora falar o idioma gostoso de sua gente e abomina os excessos sintáticos. Já, o tempo e o espaço nesse poema nos faz lembrar as palavras de Massaud Moiséis:

> Portanto, a análise do texto poético não se preocuparia com o tempo, nem com o enredo, nem com o espaço (salvo quando aparecer como Natureza) Assim, por exemplo, os sonetos de Camões se caracterizam por sua inespacialidade, intemporalidade e a-historicidade.[5]

[5] MOISÉIS, Massaud. *A Análise Literária*. Cultrix: São Paulo, 1977,pág. 44.

Há duas instâncias temporais e espaciais a serem verificadas, uma que se limita a abrangência tematizadora do poema, necessária de elevarmos a categoria de assunto tratando da recuperação de algo histórico ou conhecido do enredo, é nessa categoria que se encaixa Massaud Moiséis, a outra por ele não trabalhada, é a de estruturação da composição poética cujo seu ritmo, disposição espacial no papel e os elementos de recorrência que geram inferências e significações concisas, nos faz captar uma mensagem muito mais ampla do conteúdo poético transmitido.

Para comprovar o valor dessa segunda categoria, em "Evocação do Recife", os versos 22, 23 e 24 nos mostram o olhar de Bandeira encantado com o "sino", e a configuração dos mesmos dão a dimensão da distância entre o olhar do menino e o sino no alto da igreja, enquanto o ritmo trabalha no sentido de anunciação de um acontecimento que se enreda nos versos seguintes e revela a amplitude memorialista do eu-poético, deslumbrado pelo objeto e seu valor e acordado para sua dimensão simbólica e histórica. Esse mesmo ritmo e movimentação do olhar que exige o poema remete para essas duas vozes, uma que procura enlaçar o leitor nas lembranças infantis, verso 51, outra que chama para percepção inteligível e crítica da poética e da modernidade, versos 65 a 69.

Ainda no nível material do poema, há um verdadeiro jogo de negativas com as palavras: **não**, **nem** e **sem**, que se desdobram por todo o poema, versos 2,3,4,5,7,8,62,70,71,75, e reafirmam essa condição de reatar o passado da infância e condenar as modificações desse Recife íntimo, e ao mesmo tempo distante dos seus sonhos.

Por último é importante destacar as interferências de outras vozes que não a do poeta, que trazem um crivo de confirmação da melodia memorialista do poema, quer seja nas brincadeiras de rua e nos versos da tradição oral, quer seja no coloquialismo da gente recifense: versos 15,16 e 57.

Sua semântica

Se passarmos a uma leitura do poema no nível semântico, perceberemos que Manuel Bandeira divide a exposição da cidade de Recife em três momentos. Num primeiro, vê-se o jogo entre a cidade que o eu-poético quer cantar e a que é por ele negada, entre os versos 1 e 9. Um é o Recife pessoal, das imagens do passado e da carga emotiva do próprio poeta, o outro não cabe na mensagem poética, pois é o Recife, cidade do Brasil, amplo demais, para sua evocatória. Num segundo momento, que vai dos versos 10 ao 61, nos é apresentada essa cidade do verso 09:

"Recife da minha infância".

O caráter descritivo, quase nos remete a um saudosismo romântico, somente, quebrado pelas sutilezas de uma infância não baseada no idealismo, mas na vida corrente e prática de um menino solto, que possui a auto-permissão de experimentar a cidade toda, desde o "fumar e pescar escondidos" dos versos 36 e38, passando pelo "alumbramento da visão corpórea e bela do nu feminino" dos versos de 41 à 46, o conteúdo cultural nos versos 49 e50 e a saudade dura, objetiva e clara de que "**Foi há muito tempo...**" verso 61.

Numa terceira e última parte, dos versos 62 a 79, a evocação parece transformar-se em crítica amarga das mudanças lúdicas e líricas que o Recife emprestava ao imaginário do poeta, e

agora, não mais o mesmo, ainda se liga a explorar os meandros de sua cidade, num gesto metonímico, "Rua da União", ou "Casa de meu avô", de que o que ocorre com o Recife é uma mudança com o Brasil, da língua e do espaço ao seu povo e a morte do avô, marcando esse liame, ante a disposição e transposição dos dois recifes que geram essas duas vozes, a primeira enamorada pelo lugar que lhe permitiu o acesso à poesia e a construção do saber sensível, já a segunda a voz libertina que brada por uma autonomia dos homens simples de língua fácil e de cultura sincera.

É interessante como essa divisão nos permite avaliar que o "Recife" com "R" maiúsculo de cidade grande, de centro urbano nordestino, não aparece no segundo momento do poema, entre os versos 10 e 61, para reafirmar essa condição de "minha terra" que Manuel Bandeira quer expor. Já quando o termo se mostra na primeira e última parte é para arrebatar a condição lúcida e crítica do poeta.

Considerações finais

Se recorrermos a obra "Libertinagem" veremos de forma contundente esse deslumbramento libertino que se move nas primeiras poesias de Manuel Bandeira, ora no grito pela palavra poética livre contra os excessos de uma classicizante lírica tradicional, no poema "Poética", ora no deslumbramento com a vida que não é tão simples e bela como é pintada em poemas como "Porquinho da Índia" e "Pneumotórax". "Evocação do Recife" sintetiza essa abrangência motivadora da leitura de um Bandeira entre a paixão e o racionalismo crítico do homem moderno, ao instar-se enquanto projeto auto-biográfico e poesia moderna. Em Bandeira não se evoca as musas, mas a música debussyana do mar calmo e revolto da linguagem da modernidade que ergue e afunda Recife na sua existência, entre o imaginário do menino que se foi e do homem instruído que voltou, não gostou muito do que viu, mas observou que o Recife é **"...Recife brasileiro como a casa de meu avô."**

Referências

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Perspectiva: São Paulo, 2001, p.29.

FRIEDERICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. Livraria duas Cidades: São Paulo, 1991, pág(s) 149 e 150

LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Editora Estampa: Lisboa, 1978, p. 312.

MOISÉIS, Massaud. *A Análise Literária*. Cultrix: São Paulo, 1977,p.44.